

Engels, 200 anos: ensaios de teoria social e política

THEÓFILO RODRIGUES (ORG.)

São Paulo: Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois, 2020. 312p.

*Cesar Mangolin**

O livro é uma obra coletiva, publicada por ocasião dos duzentos anos do nascimento de Friedrich Engels (1820-1895). São, ao todo, vinte e um os autores que escrevem nessa bela coletânea.

Um dos objetivos do livro é apresentar Engels como partícipe e protagonista, ao lado de Marx, do desenvolvimento do materialismo histórico, ou seja, das descobertas científicas e dos desdobramentos filosóficos nele envolvidos. Além, é claro, de destacar a grandiosa contribuição que a análise marxista dá, qualitativa e quantitativamente, à luta econômica e à luta política dos trabalhadores, ao movimento comunista pelo mundo afora, com a unidade da prática teórica e da prática política.

Nos dias atuais, reafirmar esse papel fundamental de Engels é necessário. Há certa tendência, particularmente acentuada na segunda metade do século XX, que considera Engels como um intelectual e militante que teve participação secundária ou auxiliar no trabalho de Marx. Em nossa compreensão isso ocorreu por duas razões: a primeira tem relação com a sobrevivência de Engels em relação a Marx. A generosidade intelectual e a modéstia de Engels, expressas por ele ao referir-se a si mesmo como o “segundo violino”, contribuiu com essa falsa percepção. A

* Doutor em Filosofia (Unicamp) e professor da Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES.
E-mail: mangolin.cesar@gmail.com

segunda razão é mais importante, porque repercute na prática política e na produção teórica do campo marxista. Alguns autores e tendências do pensamento marxista (por exemplo, os que derivam da influência da obra de Georg Lukács) passaram a atribuir a Engels a responsabilidade teórica pelos desvios (à direita e à esquerda) do movimento comunista das primeiras décadas do século XX, além de desqualificar o trabalho teórico de Engels, em particular aquele ligado às ciências naturais.

Caso tivesse apenas contribuído para levantar esse debate e contestar essas versões que empobrecem ou reduzem o papel e o trabalho de Engels, o livro em questão já teria cumprido um grande papel, mas seu grande mérito é ir ainda além disso. Não basta afirmar a importância de Engels para que possamos rejeitar quaisquer teses sobre sua suposta tarefa coadjuvante: é necessário demonstrar a grandeza e amplitude do seu trabalho intelectual, a sua contribuição primária na construção dos conceitos fundamentais do materialismo histórico, seu papel no seu desenvolvimento e, por fim, tratar das contribuições e influências atuais da obra de Engels em campos distintos das ciências e da filosofia.

O livro consegue realizar plenamente esse objetivo. São dezesseis artigos que demonstram, no conjunto, por que Engels foi, para além do tempo de vida dele próprio e de Marx, uma referência fundamental para a ciência e para o movimento comunista internacional. E também (por que não?) um intelectual metódico e mais atencioso que o próprio Marx com as questões conceituais. Ao mesmo tempo, um intelectual capaz de, ao lado de Marx, realizar estudos históricos e filosóficos de fôlego, manter-se atualizado com o desenvolvimento das pesquisas científicas de diversas áreas e participar do debate científico do seu tempo. Isso tudo sem deixar de lado a atividade militante no movimento comunista, no papel de dirigente, até o fim da vida.

Os artigos reunidos no livro também permitem ao leitor viajar pela obra de Engels desde a juventude até a maturidade, mas não o fazem a partir de análises de obras específicas: a retomada da vasta obra de Engels permite compreender a sua influência em áreas diversas da ciência e da filosofia até nossos dias. Por exemplo, os capítulos 2, 3 e 8, que discutem temas relacionados ao pioneirismo antropológico de Engels, reunindo obras de sua maturidade, como *Origem da família da propriedade privada e do Estado* (1884), e de sua juventude, como *Situação da classe operária na Inglaterra* (1846) – obra cujo método (etnográfico e etnológico) coloca Engels ao lado de grandes antropólogos do século XX. Da mesma maneira, há artigos que destacam as suas contribuições para a sociologia da educação, urbana, jurídica, da religião, para a ciência econômica e a ciência política, além da filosofia das ciências e sua influência e atualidade na física e na biologia.

Dado o espaço limitado de uma resenha, destaco dois artigos dessas duas últimas áreas (a física e a biologia, e ambos, também no campo da filosofia da ciência). Isso não significa desmerecer os demais temas, mas uma opção na tentativa de dar

ênfase ao que parece ser o maior mérito do livro que, insisto, é o de demonstrar a grandeza, amplitude e persistência da influência da obra de Engels. O artigo “Ecos da *Dialética da Natureza* em físicos do século XX”, de Jean-Philippe Martinez e Olival Freire Júnior (p.113-127), começa afirmando que “um leitor desavisado poderia se surpreender ao ver o nome de Engels aparecer nos debates sobre a interpretação da mecânica quântica” (p.113). Longe, portanto, de rejeitar o esforço intelectual de Engels em estender a dialética para além da história das formas de organização da vida humana, o artigo ainda demonstra, a partir do exemplo de três físicos do século XX (Vladimir Fock, David Bohm e Shoichi Sakata – respectivamente: soviético, estadunidense e japonês), a influência dos ensinamentos epistemológicos da *Dialética da Natureza* na análise de um dos principais campos da física moderna.

O segundo artigo que destacamos é “A contribuição de Engels à história natural do homem”, de João Quartim de Moraes (p.99-112). O autor demonstra, por um lado, como o trabalho intelectual de Marx e Engels estava em sintonia com os avanços científicos do seu tempo e, de outro, a importância e o legado de Engels para a compreensão da origem da espécie humana e suas especificidades, particularmente das suas observações em *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem* [1876]. Essa contribuição, segundo Quartim, vai além do campo do próprio marxismo. Para exemplificar sua afirmação, o autor cita o exemplo do renomado biólogo estadunidense Stephen Jay Gould: este cita Engels num artigo de 1977, seja para se contrapor à tese que atribui demasiada importância à expansão do cérebro na explicação do desenvolvimento da espécie, seja para sustentar a tese da mudança da postura corporal humana como elemento fundamental do processo evolutivo. Ou, dito de outra maneira, da sinergia ocorrida entre mãos liberadas, desenvolvimento do cérebro, trabalho e linguagem; sinergia esta tornada possível pela postura bípede e pela total liberação das mãos. Tal tese teve, segundo o autor, um desenvolvimento superior na obra do filósofo marxista vietnamita Tran-Duc-Thao.

É sempre difícil resenhar uma obra coletiva, principalmente por não haver espaço suficiente para explorar ou apresentar cada um dos textos e temas. A opção pelo caminho tomado teve a pretensão de, dentro do possível, a partir do exemplo rápido desses dois artigos e do apanhado geral das áreas e temas, mencionado pouco antes, expressar que a intenção de um quadro interdisciplinar, capaz de explorar as contribuições teóricas de Engels num leque bastante amplo de temas, parece ter sido atingida plenamente pela reunião dos textos – tanto pelo enfoque de cada um dos artigos quanto pela qualidade dos trabalhos apresentados.

No caso de Engels, a capacidade de elaboração teórica e a incansável atividade militante parecem sintetizar, na sua própria figura, todos os esforços necessários para que uma teoria inovadora e revolucionária como o materialismo histórico jamais perca sua vivacidade e atualidade.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Democracia, dominação, emancipação

Luis F. Miguel e Gabriel E. Vitullo

Poulantzas no Brasil

Tatiana Berringer

Engels 200 anos

João Quartim de Moraes e Pedro Leão da Costa Neto

DOSSIÊ "José Carlos Mariátegui"

Deni Alfaro Rubbo, Leandro Galastri, Aníbal Quijano,
Michael Löwy, André Kaysel, Luiz Bernardo Pericás

Entrevista: Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya

Giovanna Marcelino e Bruna Della Torre

51